

# O REINO DE DEUS: UMA REALIDADE PRESENTE E ESCATOLÓGICA

ÉRICO TADEU XAVIER<sup>1</sup>

ISAAC MALHEIROS<sup>2</sup>

**Resumo:** Como parte central dos ensinamentos de Cristo, o Reino de Deus tem grande relevância para a Igreja cristã. O Novo Testamento apresenta o Reino tanto como uma realidade presente quanto como uma esperança escatológica futura. O objetivo deste estudo é analisar essa tensão, através de uma pesquisa bibliográfica, e suas implicações no contexto da missão da Igreja de divulgar a mensagem do Evangelho no momento presente enquanto, ao mesmo tempo, aguarda a concretização do Reino no futuro retorno de Cristo.

**Palavras-chave:** Reino de Deus; Evangelho; Igreja.

## THE KINGDOM OF GOD: A PRESENT AND ESCHATOLOGICAL REALITY

**Abstract:** As a central part of Christ's teachings, the Kingdom of God has great relevance for the Christian Church. The New Testament presents the Kingdom both as a present reality and as a future eschatological hope. The aim of this study is to analyze this tension through a bibliographical research and its implications in the context of the mission of the Church to spread the Gospel message in the present moment while at the same time awaiting the concretization of the Kingdom in the future return of Christ.

**Keywords:** God's kingdom; Gospel; Church.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia e professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia do Instituto Adventista Paranaense (IAP). E-mail: etxacademico@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre e doutorando em Teologia, professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia do Instituto Adventista Paranaense (IAP). E-mail: pr\_isaac@yahoo.com



## Introdução

Segundo Joachim Jeremias (2008, p. 73), a expressão “Reino de Deus” é rara e incomum, aparecendo em poucas obras, como os livros apócrifos e pseudoepígrafos, os Targuns, em Fílon, e Josefo. O fato de Jesus ter usado abundantemente a expressão “Reino de Deus” torna esse uso uma novidade, sem paralelos em outra literatura.

O Reino de Deus ocupa o centro dos ensinamentos de Jesus e, nos evangelhos sinóticos, é apresentado como algo que apareceria futuramente, mas que, ao mesmo tempo, já era uma realidade presente: “[...] chegou a vocês o Reino de Deus” (Mt 12:28). Esse Reino se manifesta na própria pessoa e ministério de Jesus, está onde ele está, e para fazer parte desse Reino, no presente ou no futuro, é necessário pertencer a Ele (Mt 7:23; 25:41) (DEDEREN, 2011, p. 191).

Ladd (2003, p. 85) declara que “se há algum tipo de consenso entre a maioria dos estudiosos, este é que o Reino é, em sentido verdadeiro, tanto presente quanto futuro”. Tendo em vista que a Igreja deve anunciar a chegada do Reino de Deus e preparar as pessoas para a consumação do Reino, este trabalho apresenta aspectos relacionados com a compreensão sobre a existência presente e escatológica do Reino de Deus na Terra, sua relevância para as pessoas que aceitam a Cristo e se tornam participantes do Reino, bem como a relação dessa compreensão com a missão da Igreja na divulgação da mensagem de salvação.

Neste artigo serão avaliadas as expressões “reino de Deus” e “reino dos Céus”. O Reino é chamado de “reino dos Céus” 32 vezes no NT, todas em Mateus. Por sua vez, a expressão “reino de Deus” aparece 66 vezes no NT (sendo 4 vezes em Mateus). Portanto, a expressão “reino dos Céus” é exclusiva de Mateus, mas Mateus também usa “reino de Deus”.

O significado exato dessas duas expressões é disputado.<sup>3</sup> Neste artigo, as duas expressões serão tratadas como uma referência à mesma *realidade* do exercício manifesto da soberania de Deus, seu “reinado” entre os homens (CARSON, 1984, p. 100), ainda que com possíveis nuances retóricas e teológicas diferentes.

## O Reino é uma realidade presente

Várias frases do NT usam verbos no presente, sugerindo que o Reino já era uma realidade. Em Marcos 4:3, o Reino de Deus é comparado a uma semente que é semeada no coração dos homens agora, não no futuro. Ao elogiar João Batista, Jesus declarou, usando o presente, que “o menor no reino dos céus é [ἐστί] maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o

---

<sup>3</sup> As duas expressões são usadas alternadamente, isto é, aparentemente como sinônimos, nos evangelhos (Mt 4:17 e Mc 1:15; Mt 13:11 e Lc 8:10; Mt 10:6-7 e Lc 9:2; Mt 5:3 e Lc 6:20), o que levou alguns autores a sugerirem que se trata apenas de uma diferença de linguagem e não de significado teológico (ZUCK, 2010, p. 37-38; EVANS, 2012, p. 91; HAGNER, 1993, p. 47-48; HILL, 1981, p. 90; KINGSBURY, 1975, p. 134). Carson (1984, p. 100-101) crê que há paralelos suficientes entre os sinóticos para sugerir que “reino de Deus” e “reino dos céus” denotam a mesma coisa (por exemplo, Mt 19:23-24 e Mc 10:23-25), mas admite que pode haver alusões sutis com implicações cristológicas na expressão “reino dos céus”. Outros autores discordam que “reino de Deus” e “reino dos céus” sejam sinônimos, e sugerem que “reino dos céus” em Mateus pode sim ter um significado teológico especial (FOSTER, 2002, p. 487-499; PENNINGTON, 2008, p. 44-51).



reino dos céus é tomado por esforço [βιάζεται], e os que se esforçam *se apoderam* [ἀρπάζουσιν] dele” (Mt 11:11-12; ver Lc 16:16). Em Mateus 13:44-46, o Reino é comparado a um tesouro que o homem pode adquirir agora. Debatendo com os principais sacerdotes e os anciãos do povo, Jesus declarou que “publicanos e meretrizes vos precedem [προάγουσιν] no reino de Deus” (Mt 21:31). Escribas e fariseus foram repreendidos por não entrarem no “reino dos céus” e nem deixarem entrar “os que estão entrando [τοὺς εἰσερχομένους]!” (Mt 23:13).

O Reino deve ser *buscado* agora: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça [...]” (Mt 6:33). E deve ser *recebido* agora: “Quem não receber o reino de Deus como uma criança de maneira nenhuma entrará nele” (Mc 10:15). E o Reino já é das crianças: “Deixai vir a mim os pequeninos e não os embaraceis, porque dos tais é o reino de Deus” (Lc 18:16).

Ellen G. White (2004, p. 347) classifica os dois aspectos temporais do Reino de Deus como “reino da graça” (presente) e “reino da glória” (futuro): “Conforme é usada na Bíblia, a expressão ‘reino de Deus’ designa tanto o reino da graça como o de glória”. Uma das chaves para se compreender o Reino em seus dois aspectos está na compreensão da promessa do Messias. De acordo com as profecias, a vinda do Messias tem um duplo aspecto: a) está profetizado que o Messias viria em mansidão, em humildade, para sofrer e morrer; b) está profetizado que o Messias virá em poder e glória para julgar e reinar eternamente. Assim também o Reino de Deus tem um duplo aspecto. Viria primeiro no sentido espiritual, e subsequentemente em poder e glória.

White (2004, p. 348, grifo nosso) ainda divide o Reino da graça presente em dois momentos – sua *instituição* e seu *estabelecimento*:

O reino da graça foi *instituído* imediatamente depois da queda do homem, quando fora concebido um plano para a redenção da raça culpada. Existiu ele então no propósito de Deus e pela Sua promessa; e mediante a fé os homens podiam tornar-se súditos seus. Contudo, não foi *efetivamente estabelecido* antes da morte de Cristo. [...] Quando, porém, o Salvador rendeu a vida, e em Seu último alento clamou: “Está consumado”, assegurou-se naquele instante o cumprimento do plano da redenção. [...] O reino da graça, que antes existira pela promessa de Deus, foi então *estabelecido*.

Antes do Reino de Deus ser consumado no futuro (o Reino da glória), ele veio ao homem na pessoa e na atividade de Cristo. Jesus e sua mensagem inauguraram o Reino da graça: “Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: ‘Aqui está ele’, ou ‘Lá está’; porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lc 17:20-21).

Esse texto possui duas leituras possíveis (sendo a outra leitura: “[...] o reino de Deus está dentro de vós”). A preposição ἐντός significa tanto “entre, no meio de” quanto “dentro de”. Como Jesus está falando aos *fariseus* (v. 20), a tradução “entre, no meio de” parece fazer mais justiça ao contexto (pois é difícil imaginar Jesus afirmando que o Reino de Deus estaria “dentro” dos



fariseus) (VINE; UNGER; WHITE JR., 2012, p. 544).<sup>4</sup> De qualquer forma, a realidade *presente* do Reino é evidente em Lucas 17:20-21.

Com o estabelecimento do Reino da graça, o reino de Satanás foi desafiado na pessoa de Jesus e estava para experimentar uma derrota (sobre essa derrota, ver Jo 12:31 e 16:11). A irrupção do Reino presente é evidenciada pelas curas e libertações realizadas por Jesus: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Lc 11:20). O Reino de Deus como um poder salvífico ativo veio ao mundo na pessoa e atividade de Cristo para redimir o homem do reino de Satanás (SCHNELLE, 2010, p. 115).

O poder de sujeitar os demônios é causa de regozijo porque é um sinal da presença do Reino Deus (Lc 10:18). Enquanto os discípulos de Jesus pregavam o Reino e expulsavam os demônios, Jesus viu Satanás cair do seu lugar de poder. A queda de Satanás é o começo do fim do seu reino, e isso deve continuar até a completa subjugação das forças do mal e a completa manifestação do Reino de Deus.

O Reino também é apresentado como sinônimo de salvação. Jesus era cômico de que uma nova era estava sendo inaugurada com Seu ministério. No início de Seu ministério, Jesus leu de Isaías em Lucas 4:18-19, e, depois de concluir a leitura, interpretou o texto assim: “Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos”. Uma nova era começara.

Jesus igualou a “vida eterna” com “entrar no Reino” (Mc 10:17, 23, 24). As bênçãos do futuro Reino de Deus já estavam presentes na experiência do perdão dos pecados, da libertação do poder de Satanás. A salvação plena ainda não chegara, mas a essência dela, o poder dela, havia chegado. Segundo Ellen G. White (1987, p. 42), “a graça de Deus precisa ser recebida pelo pecador antes de ele ser tornado apto para o reino da glória”.

## O Reino é uma realidade futura

O Reino também é apresentado como uma esperança escatológica. Em Mateus 7:21-23, o Reino é futuro, no qual os fiéis irão entrar após julgamento. Em Mateus 25:31,34, está estabelecido que o Reino será herdado somente por ocasião da segunda vinda de Jesus, evento que assinala “o estabelecimento e a consumação do Reino de Deus [...] (Mt 13:41; 16:28; Lc 22:30; Jo 18:36; Cl 1:13; 2Pe 1:11; Ef 5:5)” (DEDEREN, 2011, p. 212).

Ellen G. White (2004, p. 347) também descreve o Reino como *parousia*, e esclarece que o Reino da glória “está ainda no futuro. Não será estabelecido antes do segundo advento de Cristo”.

Jesus veio a este mundo para fundar o Reino de Deus (Reino da graça) e cumprir o significado espiritual da esperança messiânica, mas declarou que o objetivo de Sua missão não

---

<sup>4</sup> Além disso, alguns comentaristas destacam que Jesus nunca afirmou que o Reino se tratava de uma experiência apenas interior, mas se manifestava em sinais exteriores (CARSON *et al.*, 2009, p. 1516), os “respectivos frutos” do Reino (Mt 21:43), que visavam à prática da justiça (as “boas obras”, a ética do Reino visível aos homens, Mt 5:16) e à restauração da desfigurada imagem de Deus no ser humano (como as curas [Mt 11:4-5] e expulsões de demônios [Mt 12:28; Lc 11:20] que acompanhavam a pregação do Reino). Esse tema será tratado adiante neste artigo (especialmente no tópico “A natureza do Reino”).



seria cumprido plenamente nessa primeira vinda. Era necessário um intervalo (Mt 16:21) e um afastamento temporário (Jo 14:19; 16:7) antes que Cristo viesse novamente para finalizar a obra que havia começado (Jo 14:1-3) e levar o Reino de Deus a seu triunfo supremo (Mt 25:31-46) (DEDEREN, 2011, p. 211).

A volta gloriosa de Cristo assinalará a consumação do Reino de Deus (que também é chamado de “reino de Cristo”; ver Mt 13:41; 16:28; Lc 22:30; Jo 18:36; Cl 1:13; 2Pe 1:11; Ef 5:5). Paradoxalmente, o Reino que virá em glória no fim do tempo (Mt 25:31-46) já estava presente na pessoa e missão de Cristo: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1:15; ver Mt 12:28). Como observa Dederen (2011, p. 212), “embora a destruição de Satanás aguarde até o término do milênio (Ap 20:10), Jesus podia dizer que o reino estava presente no meio deles” (Lc 17:21).

Assim, a primeira vinda inaugurou uma época escatológica (Hb 1:2; 1Jo 2:18; 1Pe 1:20), levando o crente a viver agora entre o “já” e o “ainda não”; “aguardando a ‘manifestação da Sua vinda’ (literalmente, ‘a manifestação da Sua presença’, 2Ts 2:8), experimentando já agora a garantia da Sua presença, Seu ministério sumo sacerdotal e Sua vinda como ‘Rei dos reis e Senhor dos senhores’” (Ap 19:16) (DEDEREN, 2011, p. 212).

O Reino da graça é, portanto, “um domínio espiritual presente no qual já se desfrutam as bênçãos do reino de Deus (Cl 1:13), e até mesmo da vida eterna” (Jo 3:16) (DEDEREN, 2011, p. 212). A vida eterna é algo que pode ser desfrutado no presente, no Reino da graça (Jo 3:36; ver 1Jo 5:12), apesar de suas plenas implicações ainda aguardarem uma consumação futura escatológica, quando os salvos desfrutarão do governo de Deus em todos os aspectos. Nas palavras de Ellen G. White (2004, p. 417): “[...] o reino de glória ainda não foi inaugurado. Só depois que [Cristo] termine a Sua obra como mediador, Lhe dará Deus ‘o trono de Davi, Seu pai’, reino que ‘não terá fim’” (Lc 1:32-33).

A escatologia cristã garante que, no Reino da glória, o pecado será finalmente aniquilado (BLAZEN, 2011, p. 300), e que não herdarão o Reino de Deus os que praticam o pecado (G1 5:19-21).

## A natureza do Reino

Jesus não somente pregou sobre a vinda do Reino de Deus, mas também falou sobre a natureza do Reino (especialmente nas parábolas em Mateus 13: “o Reino de Deus é semelhante a [...]”). Primeiramente, é importante estabelecer que o Reino é um reino de graça, um dom que o Pai se agrada em dar aos discípulos de Jesus: “Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino” (Lc 12:32). Além disso, é um Reino “de Deus” (βασιλεία τοῦ θεοῦ), uma manifestação da vontade divina na história, um ato do próprio Deus, nunca sujeito ao homem – é um ato divino que requer uma resposta humana, e tem todos os seus aspectos derivados do caráter e da ação de Deus.

O Reino de Deus não é agora visível sobre a terra (apesar dos sinais que evidenciam a sua chegada/presença); e nem é deste mundo. Jesus afirma: “Se o meu reino fosse deste mundo,



então meus servos lutariam [...]” (Jo 18:26). Autoridades humanas e os padrões das estruturas políticas mundiais são estranhos ao Reino de Deus. O Reino é de natureza espiritual. De fato, sem nascer do alto, isto é, pela água batismal e pelo Espírito, ninguém pode entrar nele (Jo 3:3, 5).

Outra característica do Reino é que a perfeita obediência está intimamente vinculada a ele. No NT, embora os filhos do Reino sejam intimados a serem perfeitos (Mt 5:48), também devem orar pelo perdão de suas transgressões (Mt 6:12, 14, 15) (BLAZEN, 2011, p. 327). Como a desobediência alterou a perfeita comunhão de Adão e Eva com Deus, assim a perfeita obediência (uma obediência além da capacidade do homem) restaurou essa união. Jesus alcançou perfeita e vicária obediência em benefício de seus súditos (Jo 6:38; Sl 40:8; Fl 2:8). A obediência do Rei é imputada aos súditos, e torna possível a entrada no Reino de Deus. As boas obras dos súditos não são um meio de entrada.

Disseram-lhe pois: que faremos, para executarmos as obras de Deus? Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou [...] Portanto, a vontade daquele que me enviou é esta: que todo aquele que vê o Filho, e nele crê, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6:28-29,40).

O Reino exige alguns radicalismos dos súditos, como declarou Jesus metaforicamente: “Se tua mão te escandalizar, corta-a [...], e se teu olho te escandalizar, lança-o fora” (Mc 9:43, 47). Esses atos de violência metafóricos exigidos dos que entram no Reino vêm acompanhados de descrições radicais da prioridade do Reino sobre a família (Lc 14:26) e das tensões que o Reino provoca (“[...] não vim trazer paz, mas espada”, Mt 10:34).

Até a segunda vinda de Jesus, o Reino é espiritual e do Espírito, pois, “o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3:6). O Reino é, portanto, uma posse interna do cristão. Libertado da escravidão de Satanás (“[...] maior é o que está em vós do que o que está no mundo”, 1Jo 4:4), e do pecado (pois o “pecado não terá domínio sobre vós [...]”, Rm 6:14), o cristão, espiritualmente, já habita na paz do Reino eterno: “Pois a nossa cidade está nos céus donde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3:20).

No entanto, apesar de ser espiritual, o Reino de Deus não se preocupa apenas com a “espiritualidade” dos homens, mas com a salvação integral do homem. A presença do Reino representou libertação de doenças e problemas físicos (Mc 5:34; Mc 10:52), da possessão demoníaca (Lc 8:36), e até mesmo da morte (Mc 5:23).

Se o Reino é uma possessão espiritual do redimido no presente, indubitavelmente, o Reino é, também, na sua última manifestação, o evento culminante do futuro, como ensina Jesus: “Por que o Filho do homem virá na glória de Seu Pai, com os seus anjos” (Mt 16:27; ver Mt 24:29-31,36; 25:31-46; 13:41; Jo 14:1-3; At 1:11; 1Ts 4:16).

Jesus usou parábolas, metáforas, declarações diretas e outros recursos de linguagem para impressionar ouvintes com a urgente necessidade de uma escolha individual em relação ao Rei-





no. Qualquer coisa é melhor do que viver e morrer fora do Reino – qualquer sacrifício, perda ou sofrimento: “Melhor é para ti entrares no reino de Deus com um só olho, do que tendo dois olhos seres lançados no fogo do inferno” (Mc 9:47).

As declarações ameaçadoras de Jesus em relação ao Reino devem ser entendidas à luz do caráter decisivo do Reino, de juízo final e absoluto e do seu âmbito universal. O Reino é o único ambiente da salvação; fora dele, há condenação eterna (Lc 3:17; Ap 20:11,15).

## Princípios do Reino

Jesus falou dos princípios do Reino em Mateus 5-7. No Sermão do Monte, especificamente nas bem-aventuranças, ele indicou oito princípios que regem a vida dos cidadãos do Reino (KNIGHT, 1998, p. 82-83). Essa exposição veio após a escolha dos doze, que foi o primeiro passo dado para organizar a igreja, onde Cristo é o Rei, e os discípulos, os súditos do reino da graça (CBASD, 1978-1990, v. 5, p. 313).

Em Mateus 5, Jesus expõe os princípios do caráter, a influência e a justiça de um cristão. O capítulo 6 discute a piedade, os alvos e as prioridades de um cristão enquanto que, no capítulo 7, se concentra nas relações e nos compromissos de um cristão. Em sua totalidade, o Sermão do Monte é um documento amplo que anuncia os princípios que se aplicam a cada setor da vida de uma pessoa (KNIGHT, 1998, p. 99).

O objetivo do ensino desses princípios não é inculcar meros valores éticos, tais como: a justiça, o amor e o perdão, mas conseguir “o principal propósito do reino que é de restaurar, no coração dos homens, a felicidade perdida no Éden que os que escolhem entrar pela porta estreita e o caminho apertado [...] encontrem a verdadeira felicidade” (CBASD, 1978-1990, v. 5, p. 315).

Jesus concluiu o Sermão do Monte com três vigorosos ensinamentos escatológicos relacionados com o compromisso cristão. Para fazê-las mais vívidas, ilustrou com as figuras dos dois caminhos, as duas árvores e os dois construtores (KNIGHT, 1998, p. 109; ver Mt 7:13-14, 15-20, 24-27).

A essência do Reino de Deus e a base do discernimento moral é o amor abnegado de Cristo pelos outros, revelado em Sua vida e morte. É a partir daí que os súditos do Reino devem deduzir como devem tratar os outros (Jo 13:34; Ef 5:25); perdoar como Deus perdoou (Mt 18:32-33; Ef 4:32); e viver a nova vida de acordo com o Espírito (Gl 5:25) (BLAZEN, 2011, p. 326)]. Relutar em viver de acordo com a vontade de Jesus é rejeitá-lo como Messias e rejeitar o reino que Ele veio implantar: “Cristo não pode ser rei daqueles que não querem ser Seus súditos” (BLAZEN, 2011, p. 327).

## O evangelho do Reino

Jesus disse que o “evangelho do reino [τὸ εὐαγγέλιον τῆς βασιλείας] será pregado no mundo inteiro” antes do fim (Mt 24:14). O conteúdo da pregação dos apóstolos e da igreja primitiva incluía o Reino de Deus (At 8:12; 19:8; 20:25; 28:23; 28:31), e esse também era tema das cartas paulinas (Rm 14:17; 1Co 4:20; 6:9, 10; 15:24, 50; Gl 5:21).



Em que consiste o evangelho do Reino? Segundo Ladd (1974a, p. 48-52), é o anúncio de que Deus, na pessoa de Jesus Cristo, está atuando para desfazer o reino de Satanás e estabelecer seu próprio Reino. O evangelho do reino indica que Deus, mediante Cristo, tem destruído os inimigos do reino – o poder da morte (LADD, 1974a, p. 44, 132), Satanás (LADD, 1974a, p. 48; ver Hb 2:14-15), o pecado (Hb 9:26. Rm 6:6).

Padilla (1986, p. 183) afirma que se pode entender a proclamação do Reino por parte de Jesus. Seu anúncio: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo: arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc 1:15) não é uma mensagem verbal dada isoladamente dos sinais que O acompanham; é, mais, as boas novas sobre algo que pode se ver e ouvir. Segundo as palavras de Jesus: (a) é uma notícia sobre um fato histórico, um evento que se está realizando e que afeta a vida humana de muitas maneiras; (b) é uma notícia de interesse público, relacionada com toda a história humana; (c) é uma notícia relativa ao cumprimento das profecias do AT (*o malkuth Yahwe* anunciado pelos profetas e celebrado por Israel se tornou uma realidade presente); (d) é uma notícia que suscita arrependimento e fé; e (e) é uma notícia que provoca a formação de uma nova comunidade, uma comunidade constituída por pessoas que têm sido chamadas pessoalmente.

Hoje a igreja deve comunicar essa notícia. Assim, se cumprirá o mandato do Senhor incluído no Seu discurso escatológico. Se o pecado, a morte e Satanás já estão derrotados, esta é a essência da mensagem do evangelho do Reino de Deus.

## O Reino e a Igreja

É necessário estabelecer claramente a relação existente entre o reino de Deus e a igreja. Quando Jesus enviou Seus discípulos para pregar, mandou que não fossem aos gentios, mas às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10:6). Em outra ocasião, o Senhor Se referiu aos judeus como “filhos do reino”, embora eles O estivessem rejeitando e ao Seu Reino (Mt 8:12). Ladd (1974a, p. 118), comenta a respeito:

Israel havia sido possuidor do reino de Deus. Isso significa que até o momento, a vinda de Cristo em carne, a atividade redentora de Deus na história havia sido canalizada por meio da nação de Israel. [...] Porém, quando chegou a hora em que: Deus manifestara Sua atividade redentora em uma nova e maravilhosa maneira e quando o reino de Deus visitara os homens na pessoa do Filho de Deus atraindo-lhes na medida mais plena às bênçãos do regime divino, Israel rejeitou o reino e o Portador do reino. Portanto, o reino, em sua nova manifestação, foi tirado de Israel e dado a um povo novo. Este novo povo é a igreja.

O Reino de Deus é um tema em que os conceitos soteriológicos, missiológicos e escatológicos estão intimamente unidos. O novo povo de Deus não somente se menciona em termos escatológicos futuros, mas também em um sentido histórico futuro (RIDDERBOS, 1988, p. 65). Sobre este particular, Vaucher (1988, p. 539) mostra que “a igreja não deve ser confundida, como





se tem feito, com o reino de Deus. O reino de Deus é o objetivo, a igreja não é mais que o meio para alcançar o objetivo". Também acrescenta que a igreja não é o reino, mas o arauto que anuncia o reino. A igreja não é o reino, posto que ela anuncia e prepara a vinda do reino – ela é a comunidade do Reino.

O Reino não é necessariamente, e nem exclusivamente, a igreja. Está profundamente ligado à igreja, mas não é identificado por ela. Segundo Ladd (2003, p. 131), "[n]ão existem afirmações de Jesus nas quais o Reino seja claramente identificado com a Igreja". A igreja primitiva pregava sobre o "Reino de Deus", não exatamente sobre a "igreja de Deus" – é difícil substituir "reino" por "igreja" em versos como At 8:12; 19:8; 20:25; 28:23, 31.<sup>5</sup> Por outro lado, o Reino e a Igreja não são antagônicos, pois Jesus tem uma igreja (a "minha igreja", Mt 16:18), composta por aqueles que são seus discípulos, o povo do Reino.

Da parábola do semeador aprendemos que "o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno" (Mt 13:38), e que a separação definitiva só ocorrerá no final. Assim, a comunidade do Reino ainda não é perfeita.

O Reino é como a rede que ajunta peixes bons e maus (Mt 13:47-48, o convite é para todos. A comunidade perfeita só existirá na separação final, no último dia, por entanto, os filhos do Reino vivem numa sociedade mista.

A igreja, portanto, não é o reino de Deus: o reino de Deus cria a igreja e atua no mundo através da igreja (PADILLA, 1986, p. 184). Segundo Ladd (1974b, p. 111):

Na terminologia bíblica, o reino não se identifica com seus súditos. Estes são o povo de Deus que ingressa no reino, vive sob ele e é governado por ele. A igreja é a "comunidade reino, mas nunca o reino mesmo. [...] O reino é o reinado de Deus; a igreja é uma sociedade de pessoas".

A igreja é, então, uma comunidade de crentes no evangelho do Reino que surge como resultado do poder do Rei. Os homens, por conseguinte, não podem edificar o Reino de Deus, mas podem pregá-lo e proclamá-lo; podem recebê-lo ou rejeitá-lo (LADD, 1974a, p. 121).

## Considerações finais

O Reino de Deus tem uma dupla característica temporal: é uma realidade presente (o Reino da graça) e futura (o Reino da glória). Essa tensão entre o "já" e o "ainda não" não impede os súditos do Reino de já desfrutarem os benefícios do Reino de Deus, inclusive a vida eterna.

Os discípulos de Jesus foram encarregados de proclamar o Reino de Deus e de "curar enfermos, ressuscitar mortos, purificar leprosos, expelir demônios" (Mt 10:5-8; ver Lc 10:8, 9)

---

<sup>5</sup> Apocalipse 1:6 e 5:10 aparentemente se referem à igreja como "reino", mas a metáfora ali é que o povo de Deus partilha do reinado de Cristo, são "reis" com ele, "e reinarão sobre a terra" (Ap 5:10).



(DEDEREN, 2011, p. 192), e essa é a missão da igreja no período do Reino da graça, antes da consumação do Reino da glória. Mas o Reino de Deus inaugurado e presente aqui não será unanimidade – será recebido por uns e rejeitado por outros. Ele ainda não é o irresistível e consumado reino apocalíptico que eliminará os ímpios. Por enquanto, o Reino opera mansamente entre os homens, não se impondo pela força, e apelando por uma aceitação voluntária.

Como a semente de mostarda e o fermento (Mt 13:31 e 33), o Reino tem começo frágil e final grandioso: um pequeno grupo, pobre, insignificante, composto de pecadores, publicanos e rejeitados ocultava a presença secreta do Reino de Deus.<sup>6</sup> Como o fermento desaparece na massa, o Reino parece não provocar nada, a princípio, mas transforma, de dentro para fora.

Se o Reino é de Deus e tem suas características derivadas do caráter e da ação divinos, então quem vive no Reino também deve refletir o caráter e as ações de Deus. À medida que os súditos participam da mesma experiência do Rei, o Reino de Deus vem, e a natureza soteriológica de Deus, de buscar o perdido (Mc 2:15-17), se reproduz nos súditos. Por isso, “[t]odo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário” (WHITE, 1990, p. 102). A comunidade do Reino deve ouvir a mesma acusação lançada sobre o Rei: “Este recebe pecadores e come com eles” (Lc 15:2). Mas essa busca inclui fazer alertas e confrontar os pecadores, apelando por arrependimento, como Jesus também fazia (Mt 3:12; 23:33; 25:41).

## Referências

BLAZEN, I. T. Salvação. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARSON, D. A. Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. **The Expositor's Bible Commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1984. v. 8.

DEDEREN, R. Cristo: pessoa e obra. In: DEDEREN, R. (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

EVANS, C. A. **Matthew** (New Cambridge Bible Commentary). Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

FOSTER, R. Why on Earth use “Kingdom of Heaven”? Matthew’s Terminology Revisited. **New Testament Studies**, v. 48, n. 4, p. 487-499, 2002.

---

<sup>6</sup> É importante notar que estes textos não estão falando de crescimento de igreja, porque o Reino não é necessariamente, nem exclusivamente, a igreja.



- HAGNER, D. A. **Matthew 1-13** (Word Biblical Commentary). Dallas: Word, 1993. v. 33a.
- HILL, D. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids: Eerdmans, 1981.
- JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.
- KINGSBURY, J. D. **Matthew: Structure, Christology, Kingdom**. Philadelphia: Fortress, 1975.
- KNIGHT, G. R. **Mateo**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1998.
- LADD, G. E. **El evangelio del reino**. Barcelona: Editorial Caribe, 1974a.
- LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LADD, G. E. **The Theology of the New Testament**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1974b.
- PADILLA, R. **Misión integral**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986.
- PENNINGTON, J. T. The Kingdom of Heaven in the Gospel of Matthew. **The Southern Baptist Journal of Theology**, v. 12, n. 1, p. 44-51, 2008.
- RIDDERBOS, H. N. **La venida del reino**. Buenos Aires: La Aurora, 1988.
- SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- VAUCHER, A. **La historia de la salvación**. Madrid: Editorial Safeliz. 1988.
- VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE JR, W. (Orgs.). **Dicionário Vine**: significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.
- WHITE, E. G. **Ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990.
- WHITE, E. G. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WHITE, E. G. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1987.
- ZUCK, R. B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.